

FILOSOFIA

COM
**VIVIANNE
CATOLÉ**

Coruja é a ave soberana da noite. Para muitos povos a coruja significa mistério, inteligência, sabedoria e conhecimento. Ela tem a capacidade de enxergar através da escuridão, conseguindo ver o que os outros não veem.

A coruja simboliza a reflexão, o conhecimento racional e intuitivo. Na mitologia grega, Atena, a deusa da sabedoria, tinha a coruja como símbolo. A palavra inglesa para definir coruja é owl.

Os gregos consideravam a noite o momento propício para o filosófico. Pela sua característica de animal notívago (e pelos gregos como símbolo da busca pelo conhecimento).

Havia uma tradição que dizia que quem conversava com os dons de previsão e clarividências, morria.

Enquanto todos dormem a coruja é vigilante e atenta aos barulhos. Em muitas culturas uma poderosa e prepotente.

A coruja tem a particularidade de observar algo ao menor movimento. As corujas são aves exímias caçadoras.

uma das
coruja-buraqueira, que tem esse nome porqu
vezes a coruja-buraqueira utiliza

**INTRODUÇÃO À FILOSOFIA
CONTEMPORÂNEA**



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

“A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo”

(Maurice Merleau-Ponty)

A Filosofia contemporânea vai dos meados do século XIX até nossos dias. E por estar próxima de nós, é mais difícil de ser vista em sua generalidade, pois os problemas e as diferentes respostas dadas a eles parecem impossibilitar uma visão de conjunto. Em outras palavras, não temos distância suficiente para perceber os traços mais gerais e marcantes deste período da Filosofia. Apesar disso, é possível assinalar quais têm sido as principais questões e os principais temas que interessaram à Filosofia neste século e meio.

A CRISE DO PENSAMENTO MODERNO NO SÉC. XIX

A Filosofia Contemporânea pode ser vista como resultado da crise do pensamento moderno do séc. XIX. Mas o que é o projeto moderno? Em linhas gerais, Segundo Marcondes (p. 255), é a

“...busca da fundamentação da possibilidade do conhecimento e das teorias científicas na análise da subjetividade, do indivíduo considerado como sujeito pensante, como dotado de uma mente ou consciência caracterizada por uma determinada estrutura cognitiva, bem como por uma capacidade de ter experiências empíricas sobre o real, tal como encontramos no racionalismo e no empirismo, embora em diferentes visões.”

Em suma, em três grandes eixos o pensamento moderno se fundamenta: **na centralidade da subjetividade, na ênfase do indivíduo e na valorização do homem.**

No séc. XIX, esse projeto entra em crise a partir de **Hegel e de Marx**. A contraposição proposta pelos dois filósofos é a de que o processo histórico precisa ser levado em consideração quando se analisa a consciência. No primeiro, essa crítica acontece numa vertente idealista. No segundo, numa vertente materialista. Além disso, os

românticos rompem com duas temáticas da modernidade. Primeiro, o foco nos estudos da origem do conhecimento – o debate entre racionalistas e empiristas – e nas condições de possibilidade do conhecimento – a contribuição inaugurada por Kant. Segundo, a ênfase na ciência como modelo privilegiado de relação do homem com a realidade. Soma-se a isso a desconfiança da possibilidade de uma investigação filosófica sistemática, de modo a cobrir todos os campos do saber. Tal empreitada passa a ser vista como irrealizável, dada a crescente especialização do saber em diferentes ciências e em suas ramificações. O último filósofo, talvez, a adotar essa visão de todo foi Hegel.

CRÍTICA À SUBJETIVIDADE

Há uma crítica em muitas frentes à centralidade atribuída à noção de subjetividade, o “eu penso”, que tem seu ponto de partida em Descartes.

Hegel mostra que a subjetividade é resultado de um processo de formação histórica, não podendo ser considerada prévia ao contexto temporal e espacial. O que era considerado o fundamento de nossa possibilidade de conhecer o real passou a não mais ser localizado no mundo transcendente. Marx parte dessa posição e acrescenta uma interpretação materialista, enfatizando o papel do trabalho e das relações de produção na constituição da subjetividade.

CRÍTICA AO ANTROPOCENTRISMO

Diferentes pontos de vista também questionam na contemporaneidade o antropocentrismo. De acordo com essa noção tipicamente moderna, o homem tem uma natureza portadora de direitos naturais, que é dotada de racionalidade, entendida como consciência autônoma, com capacidades cognitivas e éticas não presentes nos demais

animais. Há, ao menos, três abalos a considerar nessa noção – **cosmológico, biológico e psicológico**

Cosmológico - a ruptura pode ser remontada à teoria heliocêntrica de Copérnico (1473-1543), a partir de sua obra *Da revolução das esferas celestes* (1543). Copérnico retirou a Terra de seu lugar ao deslocá-la, como era no modelo cosmológico antigo e medieval, do centro do universo para colocá-la em movimento ao redor do Sol. De estável e perfeita em sua posição, passou a ser instável e imperfeita – dado que, do ponto de vista da cosmologia anterior, a própria ideia de movimento já denotava imperfeição. O modelo cosmológico heliocêntrico abala as crenças tradicionais do homem tanto em relação à ordem do universo, quanto em relação ao seu lugar nessa ordem.

Biológico - a ruptura pode ser encontrada também na teoria da evolução das espécies de Charles Darwin (1809-1882), a partir da publicação de *A origem das espécies pela seleção natural* (1859). O homem passou a ser entendido como mais uma espécie natural entre outras, que resultam de um processo de seleção natural, com ancestrais comuns. A crença da superioridade humana em relação aos demais seres passou a ser amplamente questionada também no âmbito biológico.

Psicológico - a ruptura também está presente na teoria psicanalítica de Sigmund Freud (1856-1939), principalmente com o conceito de inconsciente, com sua formulação inicial em *A interpretação dos sonhos* (1900). Depois das investigações freudianas e das que dela derivaram, a concepção de que o homem se define pela racionalidade clássica e pela consciência passaram a perder força. Segundo Freud, os desejos e os valores humanos são fortemente influenciados por uma dimensão psíquica da qual não temos plena consciência e que, ainda que reprimida, manifesta-se à revelia de deliberação nos sonhos, no pensamento, na linguagem, na ação cotidiana. A essas três rachaduras na noção de homem tal qual herdada da tradição, somam-se problemas típicos do séc. XX que também continuam presentes no séc. XXI. Ambos são provenientes da revolução da informática – em que se ocupa a Filosofia da Mente – e da engenharia genética – em que se ocupa a Bioética.

- A inteligência é privilégio do ser humano?
- Qual o critério para decidir se uma máquina é inteligente?
- O funcionamento de computadores é um modelo adequado para entender a mente (hardware/software)?
- Até onde podemos intervir na natureza biológica?
- A vida inicia em que momento?
- O homem pode manipular livremente vidas de animais não humanos?

Anotações